



PLANEJAMENTO DE ROTEIROS CICLOTURÍSTICOS COMO ESTRATÉGIA DE TRANSFORMAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO LUGAR: um enquadramento teórico-conceitual

PLANNING OF CYCLE TOURISM ROUTES AS A STRATEGY FOR TRANSFORMATION AND VALUATION OF THE PLACE: a conceptual framework

Rodrigo Olavo Costa Sousa^{1*}

Karoliny Diniz Carvalho^{2**}

Resumo: O estudo analisa os roteiros de cicloturismo como estratégia de valorização dos lugares, dos saberes e fazeres comunitários. Como objetivos específicos busca apresentar as principais características e dimensões deste segmento turístico, discutir aspectos referentes ao planejamento e organização de roteiros cicloturísticos e apontar alguns benefícios do cicloturismo na promoção do desenvolvimento local. Elegeu-se a pesquisa exploratória de caráter descritivo, por meio do método bibliográfico (GIL, 2002), tendo por base as contribuições de autores como Urry (2007), Lamont (2009), Bahl (2006) e Soares (2010). Os resultados da pesquisa sinalizam os benefícios da organização de roteiros cicloturísticos, como a interação entre ciclistas e os espaços urbanos e naturais, circulação de ideias e representações sobre os lugares, e o estímulo a projetos de turismo de base local, por meio de práticas solidárias de valorização das comunidades e do seu patrimônio.

Palavras-Chave: Mobilidade. Turismo Sustentável. Cicloturismo. Roteiros turísticos. Desenvolvimento local.

Abstract: The study analyzes cycling routes as a strategy for valuing places, knowledge and community activities. As specific objectives it seeks to present the main characteristics and dimensions of this tourist segment, to discuss aspects related to the planning and organization of cycle tourism routes and to point out some benefits of cycling tourism in promoting local development. It was chosen descriptive exploratory research using the bibliographic method Gil (2002) based on the contributions of authors such as Urry (2007), Lamont (2009), Bahl (2006) and Soares (2010). The results indicate the benefits of organizing bicycle tours, such as the interaction between cyclists with urban and natural spaces, the circulation of ideas and representations about places and the encouragement of community based tourism projects, through solidary valuation practices of communities and their heritage.

Keywords: Mobility. Sustainable tourism. Cycle tourism. Tourist routes. Local development.

1 Introdução

Diversas são as modalidades de materialização das experiências turísticas na contemporaneidade, tendo como alguns de seus pressupostos a valorização dos patrimônios ambientais e culturais, a sustentabilidade socioambiental e a sinergia dos distintos atores sociais na estruturação de propostas de desenvolvimento econômico por meio do turismo. Um dos

^{1*} Graduando do 8º período do curso de Bacharelado em turismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/ Campus São Bernardo). E-mail: rod20sousa@gmail.com.

^{2**} Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), docente do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/ Campus São Bernardo). E-mail: karolinydiniz@gmail.com.



temas que vem sendo debatidos no cenário nacional e internacional refere-se à mobilidade sustentável e à busca por uma maior aproximação entre os visitantes e os lugares visitados por meio de vivências socioeducativas que conciliam lazer, recreação, aventura e a intensificação dos vínculos de afetividade em relação aos espaços urbanos e/ou naturais.

Nesse contexto, os passeios de bicicleta sinalizam novas possibilidades de mobilidade, produção de sociabilidades e expressão política. O ciclolazer e o cicloturismo representam não apenas um meio de transporte turístico sustentável, mas também fator de encontros, relações sociais e de promoção de um sentido de lugar (JENSEN, 2013). Parte-se do pressuposto que os roteiros de cicloturismo promovem a (re)organização dos lugares por meio da oferta de produtos, serviços e práticas de hospitalidade, além de estimularem a inserção social e produtiva das comunidades em torno de projetos de valorização dos patrimônios locais.

O objetivo principal deste artigo é estabelecer um quadro teórico-conceitual sobre o cicloturismo, analisando-o como estratégia de valorização dos lugares, dos saberes e fazeres comunitários. Como objetivos específicos, procura-se apresentar as principais características e dimensões deste segmento turístico, discutir aspectos referentes ao planejamento e organização de roteiros cicloturísticos e apontar alguns benefícios do cicloturismo na promoção do desenvolvimento local.

Em face destes objetivos, elegeu-se a pesquisa exploratória de caráter descritivo, por meio do método bibliográfico. Identificou-se um número escasso de publicações sobre o tema nos principais bancos de dados e repositórios institucionais, sendo assim, a pesquisa exploratória (GIL, 2002) foi adequada, pois permitiu uma maior aproximação com o tema. Por meio das contribuições de autores como Jensen (2013), Lamont (2009), Souza (2019) e Urry (2007), o cicloturismo foi analisado não apenas como meio de transporte sustentável, mas como segmento do mercado turístico que possibilita interações significativas e vivências lúdicas entre os ciclistas e os lugares visitados.

No tocante aos aspectos de roteirização turística, a pesquisa apoiou-se nas discussões de Bahl (2006), Kaminski (2013) e Soares (2010) que compreendem os roteiros como eixos de organização dos atrativos e de promoção dos destinos turísticos no mercado ao realçar as suas particularidades ambientais e culturais. A reflexão sobre roteiros cicloturísticos e o desenvolvimento dos destinos por meio de iniciativas de bases locais esteve alicerçada em Vázquez Barquero (2001), Burgos e Mertens (2015) e Rodrigues (2001).



Para apresentar tais discussões, dividiu-se o artigo em seções. Inicialmente faz-se uma abordagem acerca do cicloturismo, desvelando o quadro teórico que permite compreender as suas principais características como transporte sustentável e promotor de novas experiências turísticas. Em seguida, a pesquisa volta-se para o processo de planejamento e organização de roteiros cicloturísticos, apontando alguns direcionamentos que não de ser seguidos para que os passeios sejam realizados, respeitando-se as características ecológicas e sociais dos locais onde serão implantados. Posteriormente, apontam-se algumas contribuições do cicloturismo para a valorização dos aspectos ambientais e culturais dos destinos turísticos.

2 Caminhos que propiciam novos itinerários: considerações sobre cicloturismo

A mobilidade vem sendo uma temática relevante nas discussões em torno dos usos e apropriações dos espaços urbanos e da necessidade de implementar formas mais sustentáveis de conservação dos recursos. Face às transformações sociais, culturais, científicas e tecnológicas que se materializam em novos significados e formas de deslocamento, tais como o virtual, o conceito de mobilidade torna-se complexo e polissêmico.

No tocante às mobilidades turísticas, uma das vertentes de estudo refere-se aos meios de transportes, os quais permitem o deslocamento inter e intra destinos e o acesso aos atrativos. Entretanto, Urry (2007) enfatiza a necessidade de ampliar as discussões para além da logística proporcionada pelos transportes turísticos, em virtude da complexidade do turismo como fenômeno socioespacial dinâmico. Ainda, segundo Urry (2007, p. 37), “[...] diferentes formas de viajar envolvem diferentes performances corporais [...] (e) diferentes meios de transporte oferecem experiências, performances e usos específicos contrastantes.”

Diversos são os fios condutores que possibilitam uma análise das relações entre transportes e turismo. Pode-se pensar, por exemplo, na eficácia dos meios de transportes na conexão e logística dos destinos; outra alternativa seria analisar a eficiência de um modal de transporte na sustentabilidade de um local turístico. Diante dessas possibilidades, este estudo enquadra-se no paradigma novo das mobilidades (MANEZE, 2018), entendendo o transporte não apenas como meio de deslocamento/movimento, mas produtor de sentidos e representações sobre os espaços cotidianos e extra cotidianos, vetor de circulação de ideias sobre os lugares, comunidades e seus patrimônios.



Considerado um transporte sustentável, o uso das bicicletas para fins utilitários e/ou turísticos alinha-se à perspectiva de se promover uma relação mais harmoniosa entre sociedade e natureza que emerge a partir dos anos 1950. Mediante o reconhecimento internacional do processo de degradação ambiental provocado pela ação humana, surgem estratégias e diretrizes dos governos, da iniciativa privada e do terceiro setor em prol de um desenvolvimento voltado não somente aos aspectos econômicos, mas ancorado num diálogo permanente com as dimensões social, cultural, ecológica ou ambiental e política das localidades.

Em 1987, por meio do relatório *Nosso Futuro Comum* elaborado pela Comissão Brundtland³, é difundido o conceito de desenvolvimento sustentável⁴. Embora complexo e de difícil operacionalização, programas, projetos e alguns instrumentais como a Agenda 21 foram estabelecidos com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável em diferentes esferas da sociedade. Neste panorama, o uso de transportes alternativos contribui para o planejamento sustentável das áreas urbanas e naturais, evitando ou minimizando os impactos ambientais. Faria (2016, p. 21) acrescenta ainda que a bicicleta é um transporte sustentável, “[...] não agredindo áreas naturais [...] permitindo uma melhor interação do visitante com a flora e a fauna e dando uma mobilidade melhor com os lugares.”

Desse modo, algumas cidades brasileiras como São Paulo (SP), Niterói (RJ) e Fortaleza (CE) começaram a adotar a bicicleta como transporte alternativo. Em Belo Horizonte moradores e visitantes utilizam o sistema de compartilhamento e/ou aluguel de bicicletas (RUFINO; CRISPIM, 2015). Como se depreende de Souza (2019), na cidade de Fortaleza (CE) alguns hotéis como o Sonata de Iracema disponibilizam bicicletas gratuitas para seus hóspedes, como forma de incentivar o lazer e promover turisticamente a cidade.

Assim, relaciona-se o uso de transportes alternativos como elemento de mobilidade e turismo sustentável (SILVEIRA, 2010). Acompanhando as discussões em torno de mobilidades turísticas sustentáveis, “[...] a valorização do cicloturismo é construída com base em uma ‘negação’ dos ritmos e da ‘mesmice’ presentes nos espaços urbanos. O cicloturista experimenta outros espaços, ritmos e temporalidades a partir da bicicleta.” (SAMPAIO, 2015, p. 30).

³ Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento criada pelas Nações Unidas com o objetivo de discutir e formular estratégias de harmonização entre desenvolvimento econômico e conservação ambiental.

⁴ Entendido como aquele capaz de satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir as suas próprias necessidades (WWF, 2005).



Neste sentido, o uso da bicicleta ocorre no contexto ativo (LAMONT, 2009), ou seja, a bicicleta proporciona a circulação de corpos, sentidos e significados, tanto nos espaços urbanos, rurais e áreas de proteção ambiental.

Ao percorrer os lugares de bicicleta, os viajantes interagiram com diversos aspectos da paisagem como o clima, as cidades, o relevo e as roças. A qualidade do movimento, caracterizada por fatores como a velocidade do deslocamento e da posição do corpo, contribuiu de forma direta para esta interação peculiar. (LIMA, 2015, p.140).

Embora amplamente debatido em nível nacional e internacional, ainda não há um consenso em torno do cicloturismo, em termos de definições precisas e suas dimensões, porém, alguns estudiosos têm enfatizado o seu potencial na dinamização das economias nos espaços onde os roteiros e rotas de cicloturismo são estabelecidos, em particular nas áreas rurais (JENSEN, 2013; LAMONT, 2009; RITICHIE, 1998). A perspectiva adotada por estes autores enfatiza a segmentação do mercado e associa o cicloturismo a uma prática esportiva ao ar livre.

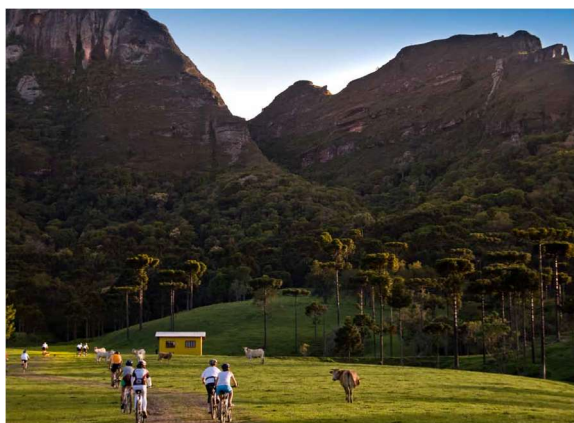
Já Schetino (2006, p.50) amplia o horizonte conceitual, entendendo o cicloturismo como uma prática cultural que “[...] consegue relacionar a atitude de seus praticantes, em seu tempo de férias ou de não-trabalho, com as diversas possibilidades de vivências lúdicas, sejam elas a própria viagem ou demais atividades realizadas nos locais visitados.” Os passeios de bicicleta podem ser inseridos nas modalidades de ciclolazer, geralmente realizados sem pernoite em locais cotidianos ou próximos à moradia dos ciclistas, e de cicloturismo ou cicloviagem, caracterizados pelo deslocamento dos ciclistas fora de seu entorno habitual para fins de lazer, recreação e intercâmbio cultural.

Souza (2019, p.11) compreende o cicloturismo como um segmento que propicia ao visitante “[...] a experiência de vivenciar o ambiente em um movimento de interação mais próxima e aprendizado da cultura local através de uma relação de convivência mais estreita com os residentes, a natureza e o ambiente que o cerca.” Abrange vivências lúdicas e de interpretação do patrimônio das cidades e das áreas naturais, havendo também um compromisso com a educação ambiental.

O cicloturismo desempenha um papel importante na mobilidade ativa, permitindo o estranhamento e a redescoberta de espaços urbanos e naturais, dos aspectos culturais dos lugares percorridos, propiciando novas conexões, afetos e sensibilidades, mesmo nos percursos cotidianos. A prática estabelece ainda novas relações entre o homem e o espaço, posto que o ritmo cadenciado entre os visitantes e as paisagens naturais e/ou culturais amplia a percepção

sensorial, estimula atitudes de conservação e valorização dos ecossistemas, ao mesmo tempo em que (re) equilibra os estados psicológicos e emocionais e revigora a saúde física e mental dos seus praticantes (Imagem1).

Imagem 1 - Cicloturismo Caminhos do Sertão (a) e cicloturismo no Vale Europeu (b)



(a)



(b)

Fonte: Soares (2010)

Estudos realizados por Lamont (2009) resultaram na identificação de alguns critérios para definir uma atividade como cicloturística. Inicialmente, a experiência de ciclismo ocorre em local afastado da região de moradia fixa do turista, podendo estender-se em um único dia ou vários dias de viagem, coadunando com o conceito de turismo proposto pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001). Destacam-se ainda a natureza não competitiva da atividade, o andar de bicicleta deve ser o objetivo principal da viagem, ou seja, a bicicleta não é vista como veículo, mas suporte para que a experiência turística aconteça.

O autor destaca ainda que a participação no cicloturismo ocorre apenas em um contexto ativo, ou seja, por meio do cicloturismo ocorre a interação entre os cicloturistas e os espaços urbanos e naturais com os fatores aventura e risco ocorrendo de forma controlada. Por último, o cicloturismo é uma forma de recreação ou lazer. Esta diversidade de práticas no cicloturismo é referendada por Souza (2019, p.115) quando faz a seguinte afirmação.

A prática de cicloturismo ocorre tanto em deslocamentos interdestinos utilizando a bicicleta como meio de deslocamento, em atividades integrantes de uma viagem, seja para deslocamentos mais longos do turista como uma trilha ou um deslocamento dentro do itinerário traçado para visitação, seja para passeios turísticos em centros urbanos.

Com base nessas reflexões no cicloturismo os turistas/visitantes podem deslocar-se por períodos inferiores às 24h (caracterizando o ciclolazer) ou realizar longos percursos fora do

seu local de moradia em direção a destinos visando ao consumo de diversas experiências – contemplação, lazer, recreação, contato cultural, aventura – sendo a bicicleta elemento indispensável nas denominadas cicloviajens. Saldanha (2017, p.31), apoiado em Zovko (2013), destaca três categorias ou tipos de cicloturismo:

- a) passeios diários, abrangendo passeios durando não mais que um dia inteiro, podendo ser feito tanto por residentes do destino como viajantes estrangeiros e envolvendo eventos curtos e prática de *mountain bike*;
- b) ciclismo em feriados, quando o ciclismo só compreende uma parte de uma série de atividades dentro de um período de viagem; e
- c) cicloturismo propriamente dito, quando a bicicleta é a principal motivação e meio de transporte da viagem, percorrendo longos percursos e abrangendo destinos diferentes em uma mesma viagem.

Na mesma linha de raciocínio, Mendonça (2017, p.43) elaborou um modelo que diferencia três segmentos de cicloturismo: o *cicloturismo independente* que pode ser realizado de forma espontânea ou com assessoria de uma operadora de viagens e turismo, o *cicloturismo recreativo* que agrega os passeios diários sem a necessidade de pernoite e *eventos*, categoria que inclui os participantes e espectadores de eventos ciclísticos (Figura 1).

Figura 1 - Segmentos do cicloturismo



Fonte: Mendonça (2017, p.43), adaptada pelos dos autores



Em relação ao conceito de cicloturista e suas motivações, existem alguns estudos em nível internacional que traçaram o perfil destes visitantes e suas diferentes expectativas nos destinos. Ritchie (1998, p. 568-569) define cicloturista do seguinte modo:

[...] uma pessoa que esteja longe de sua cidade natal ou país por um período não inferior a 24 horas ou uma noite, com a finalidade de feriado ou férias, e para quem o uso da bicicleta como meio de transporte é parte integrante de sua viagem de férias/feriado. Essa viagem pode ser organizada de forma independente ou comercialmente, incluindo a contratação de serviços de apoio.

Com o propósito de melhor caracterizar o perfil dos cicloturistas, Rodrigues (2004, p.21) identificou dois grupos de visitantes: o cicloviajante e o cicloturista. O primeiro utiliza a bicicleta como meio de transporte e busca exercer a sua autonomia, autossuficiência, interação com as pessoas e a cultura dos locais visitados, sendo que não existe um tempo predeterminado de finalização da viagem. Este grupo não se autodefine como turista e pouco utiliza os equipamentos turísticos, realizando gastos mínimos nos destinos turísticos.

Já o cicloturista além de fazer uso da bicicleta como meio de locomoção, utiliza bastante os equipamentos e serviços turísticos existentes numa determinada localidade. Neste grupo existe um tempo determinado para o término da viagem e a organização e segurança são itens considerados por este tipo de visitante.

Ao traçar o perfil dos cicloturistas no circuito do Vale Europeu, Pedrini (2013, p.32) indica algumas das motivações que direcionam o comportamento deste tipo de visitantes: *aventura* (percorrem caminhos que não conhecem), *competição* (estão em busca de superação, de quebrar marcas pessoais), *vertigem* (estão correndo riscos ao atingir altas velocidades nas descidas, muitas vezes em lugares que o celular não pega e sem socorro por perto) e *fantasia* (ao conviver com habitantes locais, ao incorporar o simples, pois tudo que carregam é peso extra).

Conforme indicado, o cicloturismo possui uma natureza não competitiva, fato que o diferencia do turismo de aventura, por exemplo. Essa constatação nos leva a afirmar que o objetivo principal daquela modalidade é a busca pela superação individual dos desafios

“[...] para o cicloturista, ser o seu próprio ‘motor’ tem um forte apelo emocional. O prazer de usar seu corpo para vencer desafios físicos e o sentimento de conquista faz com que aos seus olhos e de seu grupo social estas pessoas sejam muito bem vistas.” (RODRIGUES, 2004, p. 22).



Em termos operacionais, numa determinada viagem cicloturística, os “[...] passeios diários e eventos de ciclismo podem ser organizados de forma independente ou comercialmente, incluindo a contratação de serviços de apoio.” (RITCHIE, 1998, p. 568- 569). O cicloturismo pode ser praticado de forma individual ou em pequenos grupos, sem a intermediação de uma agência de viagens e turismo. Desse modo, revela-se o sentido de descoberta e de aventura, na qual os turistas levam consigo todos os materiais ou equipamentos necessários para a realização dos percursos: água, roupas, barraca para acampamento, fogareiro para o preparo de comida e ferramentas (SAMPAIO, 2015).

Nesse sentido, algumas variáveis devem ser consideradas na estruturação e promoção deste segmento de mercado. Face ao exposto, tecemos a seguir algumas considerações sobre o processo de planejamento e operacionalização de roteiros cicloturísticos.

3 Lugares em movimento: planejamento de roteiros cicloturísticos como estratégia de valorização dos saberes locais

De acordo com a abordagem anterior, o cicloturismo é compreendido como um fator de valorização dos espaços urbanos e rurais para a atividade turística. No âmbito do turismo, os roteiros organizam os itinerários dos visitantes e conferem visibilidade aos patrimônios e comunidades locais. Nesse momento da discussão, é importante delimitar tecnicamente os conceitos de roteiro, rota e circuito turístico. Entende-se, com base no pensamento de Bahl (2006, p.298), que um roteiro turístico:

Sincroniza os fatores envolvidos em uma viagem, ou seja: espaço tempo, bens e serviços. Nesse aspecto, há o espaço físico a ser percorrido, o tempo disponível para usufruir uma programação e para percorrer um espaço, assim como os bens e serviços vinculados.

Recorre-se ainda às conceituações técnicas de roteiro, rota e circuito turístico definido pelo Ministério do Turismo (Mtur). Com base nos manuais técnicos do Programa de Regionalização do Turismo, o roteiro turístico é entendido como:

Itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade. É definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística. Um roteiro pode perpassar uma ou várias regiões, assim como uma ou várias rotas – sendo eminentemente temático. (BRASIL, 2010, p. 29).



Os roteiros turísticos não possuem uma sequência única de visitação, sendo que os pontos inicial e final do percurso são escolhidos pelos visitantes. Em relação ao conceito de rota turística, o Mtur (BRASIL, 2010) indica que o seu sentido é mais amplo, podendo contemplar vários roteiros e perpassar várias regiões, cuja identidade é reforçada ou atribuída pela utilização turística e onde os visitantes podem percorrer os mesmos caminhos de um personagem histórico.

Considerando a necessidade de inovação que caracteriza o turismo de experiência e com base na criatividade dos atores locais, os roteiros turísticos podem ser temáticos, organizando a oferta de atrativos a partir de um elemento material ou simbólico existente, como uma personalidade histórica ou um acontecimento relevante para a comunidade. Desse modo, existem roteiros turísticos gastronômicos, literários, roteiros de engenho, da cachaça, roteiros cicloturísticos, adaptados ao perfil do público desejado por meio do processo de segmentação.

A implantação de roteiros abrange um conjunto de etapas e ações de planejamento, a fim de transformar a oferta turística em produtos para o consumo. Segundo Bahl (2006, p.298):

Dentre a diversidade de atividades inerentes ao planejamento turístico, a mais evidente é a elaboração de roteiros formatados como produtos, pois resumem um processo de ordenação de elementos intervenientes na efetivação de uma viagem. A elaboração pode estabelecer diretrizes e gerar uma circulação turística posterior, seguindo determinados trajetos, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional da região e dos atrativos a visitar.

Assim, conclui-se que os roteiros turísticos integram as ações de planejamento do turismo, cuja operacionalização pode ser realizada tanto por parte da iniciativa pública quanto da privada, existindo ainda aqueles roteiros que emergem das demandas comunitárias. Conforme exposto, as práticas de cicloturismo e de cicloviação possuem características específicas, requerendo, por exemplo, um modelo de bicicleta específica (mountain bike), equipamentos e acessórios especializados, além de uma logística que possibilite a realização dos percursos com segurança.

De acordo com Soares (2010), o projeto de implantação de roteiros de cicloturismo deve obedecer às seguintes etapas:

- a) estudo de viabilidade;
- b) gestão do circuito;



- c) equipe de trabalho;
- d) território do circuito;
- e) elaboração técnica do traçado;
- f) estruturas públicas e particulares de apoio ao circuito;
- g) elaboração do guia para o cicloturista;
- h) recursos financeiros;
- i) divulgação do circuito.

No tocante às áreas onde serão realizadas o processo de roteirização⁵ torna-se necessário realizar estudos de viabilidade e o diagnóstico do local, a fim de identificar e caracterizar os elementos dos ecossistemas e os respectivos níveis de fragilidade, além de verificar as condições de acessibilidade de diferentes perfis de público – jovens, adultos, crianças. “O planejamento de trilhas para o cicloturismo visa aspectos como o grau de fragilidade dos ambientes, as variáveis físicas como os solos, a declividade e o uso do solo, áreas de risco e de apoio ao visitante entre outros.” (KAMINSKI, 2013, p. 33).

Após a realização deste diagnóstico inicial, os planejadores devem definir a capacidade de carga ambiental, elencar os bens, serviços, equipamentos e atrativos existentes, elaborar o percurso ou trajeto e identificar o grau de dificuldade do roteiro cicloturístico. A existência de equipamentos turísticos, tais como meios de hospedagem, restaurantes e serviços de apoio (aluguel e serviços de manutenção de bicicleta, por exemplo) são fundamentais, conforme aponta Silva (2008, p.16).

O cicloturista necessita de certificação de segurança dos caminhos, facilidade de acesso, garantia de locais de alimentação e hospedagem. Durante o planejamento de sua viagem busca por informações como clima da região, tipo de terreno, infraestrutura disponível, atrativos turísticos da região, mapas e guias turísticos.

Destacam-se ainda as recomendações contidas na Norma Brasileira - NBR: 15509-1, do ano de 2007 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), elaboradas em parceria com o Mtur, que trata de especificações de segurança, acessibilidade e atuação das operadoras de turismo e profissionais ligados ao segmento turismo de aventura. Por sua vez,

⁵ A roteirização consiste numa “[...] estratégia mercadológica, na qual – por meio de uma atuação coletiva – estados e municípios conquistam diferentes mercados e minimizam os custos de suas ações.” (BRASIL, 2010, p. 28).

tem-se a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) que estabelece diretrizes para a elaboração de produtos cicloturísticos e orientações gerais para a demanda turística.

Para um roteiro de cicloturismo, o detalhamento e cuidado com os trajetos, pontos de apoio, orientação, elementos cartográficos e demais elementos ambientais, é ainda mais imprescindível devido à fragilidade do modo de transporte utilizado, deixando o turista exposto e sensível às intempéries do ambiente visitado. (SOUZA, 2019, p.125).

Para fins de comercialização, os planejadores e técnicos devem elaborar estratégias de marketing com o objetivo de promover o roteiro e seu consumo como parte integrante da experiência turística de um destino (BAHL, 2006). Esses elementos possibilitam não apenas a viabilidade técnica e operacional dos roteiros, como também influenciam o potencial de atratividade de um destino cicloturístico.

Importa também destacar o papel do poder público na dotação de infraestrutura necessária para que os roteiros possam ser operacionalizados: sinalização turística e/ou interpretativa, mapas turísticos, segurança, infraestrutura de apoio, além de ações de promoção, sensibilização e qualificação profissional para os profissionais envolvidos com o cicloturismo (Imagem 2 e 3).

Imagem 2- Sinalização do circuito Vale Europeu



Fonte: Pedrini (2013)

Imagem 3 - Infraestrutura de apoio e negócios comunitários



Fonte: Clube do Cicloturismo (2010)

A gestão pública, em articulação com a iniciativa privada, deve oferecer as condições necessárias para que o segmento se desenvolva com bases nos princípios da mobilidade e do turismo sustentável.

[...] A criação e divulgação de roteiros de cicloturismo bem estruturados, aliando o poder público, a iniciativa privada e a população local em seu processo de planejamento e gestão, podem contribuir com o aceleração do desenvolvimento dessa atividade em um determinado destino. (FONSECA, 2009, p.12).

O desenvolvimento social e econômico pode ser atingido por meio de práticas solidárias entre os distintos atores sociais – governo, comunidade e cadeia produtiva do turismo – com vistas à organização dos locais de interesse turístico, implantação de estratégias de acompanhamento das atividades turísticas e seus impactos, bem como a formação de espaços de diálogo, a fim de que a comunidade se beneficie do turismo em termos econômicos, sociais e culturais. A seguir, destacam-se os principais benefícios do cicloturismo na valorização dos lugares.

4 Movimento, afeto e experiências: contribuições do cicloturismo para a valorização do lugares



Seja no contexto urbano ou natural, as práticas de cicloturismo possibilitam o estreitamento das relações entre os ciclistas e as paisagens identificadas ao longo do percurso, ao mesmo tempo em que promovem o aumento da consciência ambiental, considerando que a bicicleta “[...] desperta no sujeito uma relação mais humana, crítica e consciente por onde ele pedala, redesenhando os espaços com o outro ao seu redor.” (MANEZE, 2018, p.61). A autora pontua ainda que os passeios de bicicleta conferem autonomia e protagonismo aos viajantes, provocando transformações nas subjetividades, favorecendo laços afetivos com o meio ambiente.

No tocante ao aspecto de sociabilidade, o cicloturismo alicerça redes de solidariedade como, por exemplo, a formação de grupos que comungam um interesse comum. Em algumas cidades brasileiras como São Paulo (SP), Curitiba (PR) e Fortaleza (CE) emergem movimentos de cicloativismo organizados por coletivos e associações que defendem e propagam o uso da bicicleta como forma de expressão política e como formas distintas e afetivas de uso e apropriação dos espaços urbanos (SAMPAIO, 2015).

O aspecto cultural e educativo faz-se presente também nesta modalidade, aproximando-a do turismo cultural.⁶ Ao entrar em contato com áreas naturais conservadas e o patrimônio material e imaterial das comunidades, o cicloturismo fortalece as ações de sensibilização e educação ambiental. Conforme observa Schetino (2006, p. 14), o cicloturismo “proporciona sensações como liberdade, possibilita a mudança de trajeto, maior contato com culturas locais, intimidade com a paisagem, seus aromas, climas e cores.”

De acordo com Segovia *et al.* (2016, p. 6), o cicloturismo configura uma modalidade de turismo que se alinha às perspectivas do desenvolvimento sustentável, “[...] por meio do turismo ecológico que procura experiências notáveis ligadas à natureza, ao bem-estar físico e psicológico e ao crescimento pessoal, além da interação social.” Carvalho, Ramos e Sydow (2013, p.64) definem o cicloturismo da seguinte forma:

Um segmento do turismo que movimenta outras cinco modalidades: o turismo rural, o ecoturismo, turismo de aventura, turismo cultural e gastronômico. Também é uma atividade do turismo de lazer que permite o exercício físico, contato com a natureza e a experiência de conhecer detalhes de lugares que seriam imperceptíveis em outros meios de transporte.

⁶ Por turismo cultural entende-se o conjunto de atividades turísticas “[...] relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.” (BRASIL, 2010, p.15).



A dimensão simbólica e os conteúdos culturais das paisagens são imprescindíveis para que o turismo de aventura e o cicloturismo se concretizem por meio de diálogos com a sustentabilidade e a participação comunitária. Estas são as premissas que materializam as propostas de turismo no contemporâneo e se tornam fatores de motivação dos cicloturistas ou dos cicloviajantes. Para as comunidades, o cicloturismo promove o fortalecimento dos laços sociais, o aumento da autoestima e a valorização da memória e da história locais. O Quadro 1 sintetiza os benefícios principais do cicloturismo em termos ambientais, econômicos e socioculturais.

Quadro 1- Benefícios do cicloturismo para as comunidades

Dimensão	Benefícios
AMBIENTAL	1. Autossuficiência energética e ausência de emissões atmosféricas. 2. Aumento da consciência da população local e dos turistas sobre a proteção ambiental. 3. Estímulo ao uso da bicicleta como meio de transporte e lazer para população local. 4.
SOCIAL/CULTURAL	1. Valorização da herança cultural regional (material e imaterial), festas, costumes, danças, culinária, artesanato com o incremento e perpetuação de atividades típicas da comunidade. 2. Intercâmbio entre moradores e visitantes. 3. Fixação da população no local e fortalecimento dos vínculos comunitários, evitando o êxodo rural.
Dimensão	Benefícios
ECONÔMICO	1. Geração de renda e maior tempo de permanência do turista na região em relação ao turismo convencional. 2. Aproveitamento do turismo na baixa temporada e aumento da permanência do turista na região. 3. Demanda pela qualificação profissional. 4. Diversificação da economia regional e incremento de micro e pequenos negócios, pois o turismo gera efeitos multiplicadores espontâneos. 5. Publicidade da cidade também para turistas interessados em outros atrativos ecológicos, culturais e históricos.

Fonte: Soares (2010), adaptado pelos autores

Rodrigues (2001) sublinha que os projetos que vinculam turismo, patrimônio e desenvolvimento são capazes de transformar realidades ao possibilitar o protagonismo das comunidades, incentivar investimentos públicos e privados em articulação com os valores locais. Nesse sentido, o turismo de base local emerge a partir dos interesses dos distintos atores



sociais na estruturação de modelos de desenvolvimento compatíveis com as singularidades dos locais turísticos e comprometido com a dinâmica sociocultural das comunidades.

Em contraposição ao turismo massificado e enraizado em uma proposta de desenvolvimento socialmente mais justo e ambientalmente responsável, o TBC se consolidou na última década no Brasil como um modelo de desenvolvimento turístico que pode apontar caminhos para a sustentabilidade. (BURGOS; MERTENS, 2015, p. 58).

De fato, o turismo de base local consiste numa proposta de valorização dos lugares, inclusão social e desenvolvimento centrado nas subjetividades e nas relações simbólicas que preexistem nos territórios. Nos termos de Rodrigues (2001), estas têm de ser consideradas no planejamento da atividade, de modo a gerar benefícios para as comunidades e novas perspectivas de desenvolvimento e qualidade de vida.

Os recursos naturais, os saberes tradicionais, a memória coletiva, o capital cognitivo, cultural e simbólico são valores priorizados nos projetos de desenvolvimento do turismo, como o ecoturismo, o turismo cultural e o turismo rural, por exemplo. Buarque (2002, p. 9) assinala que o desenvolvimento local consiste num “[...] processo endógeno registrado em pequenas localidades territoriais, com agrupamentos humanos capazes de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população.”

A relação entre cicloturismo, lugares e comunidades é marcada por possibilidades de valorização dos bens materiais e simbólicos, atração de investimentos, melhorias infraestruturais para as regiões turísticas e novas versões de desenvolvimento e transformação local (VÁZQUEZ BARQUERO, 2001). Desse modo, produtos de cicloturismo podem atuar estimulando práticas de interpretação ambiental, valorização das paisagens e as economias dos lugares. Conforme observa Duarte (2008, p. 25):

O cicloturismo pode contribuir para o desenvolvimento socioeconômico das localidades e também para a construção da sustentabilidade, em longo prazo. Por isso, alguns países do mundo têm realizado o planejamento de seus produtos turísticos voltados para esse segmento. O processo ocorre de formas variadas nos diferentes países. Em alguns deles, ele tem sido coordenado pelo Estado e, em outros, por instituições ou um conjunto de instituições que têm como compromisso a construção da sustentabilidade. Muitas empresas também têm contribuído para seu desenvolvimento por meio do direcionamento de seus negócios para o segmento e de sua participação no planejamento e na gestão dos produtos.

Na atualidade e de acordo com Xavier (2007, p.82),

“[...] procura-se identificar estratégias que possam valorizar os lugares, apoiadas no turismo com bases locais, levando as pessoas a perceberem o valor de seus produtos,



calcados no ‘saber-fazer’ do artesanato, da culinária típica, das bebidas, do folclore ou do aproveitamento da paisagem local.”

O *design* de produtos cicloturísticos emerge como fator de aumento da competitividade, pois a partir desse empreendimento podem surgir novas opções de lazer e consumo nos lugares turísticos, ocorrer a diversificação da oferta de atrativos com novos roteiros, espaços de lazer e eventos culturais, aumentando o potencial de atração das localidades e, conseqüentemente, o aumento da demanda de visitantes.

Desse modo, o cicloturismo alinha-se às novas propostas de experiências turísticas na atualidade, abrangendo o sentido da descoberta, conexões com o meio ambiente e comunidades. Os roteiros e rotas cicloturísticas redefinem o olhar dos visitantes sobre os destinos, dando suporte às economias locais e instituindo novas visões para o desenvolvimento local.

5 Considerações finais

O turismo caracteriza-se por ser um fenômeno complexo e que traz repercussões na dinâmica socioespacial, econômica e cultural das comunidades onde ele é desenvolvido. No contexto atual, a atividade turística é vista como uma importante ferramenta de desenvolvimento de uma localidade, desde que atrelada a um planejamento e à condução de projetos que permitam o protagonismo das comunidades e a geração de benefícios econômicos, sociais e culturais, preservando a dinâmica cultural, a memória e o patrimônio ambiental.

Ao longo deste artigo, buscou-se problematizar a importância dos roteiros cicloturísticos como meio de acesso aos patrimônios urbanos e ambientais dos destinos turísticos, sendo tais roteiros entendidos como suporte de experiências lúdicas num contexto ativo e interativo. Inicialmente, situou-se os passeios de bicicleta no novo paradigma das mobilidades e na busca por formas sustentáveis de se praticar o turismo. Apesar do interesse no tema mobilidade, o cicloturismo ainda vem sendo alvo de debates em torno de suas conceituações, dinâmicas e características, entretanto, alguns teóricos têm enfatizado a sua importância na valorização dos espaços e no estabelecimento de vínculos emocionais entre os visitantes e comunidades, face ao contexto ativo propiciado por este modal.



A roteirização turística abre caminhos para que o cicloturismo se desenvolva dentro dos princípios norteadores da sustentabilidade social, econômica e ambiental, na medida em que os roteiros organizam a oferta de atrativos e dão visibilidade às produções materiais e simbólicas de uma comunidade, seus saberes e fazeres locais. O cicloturismo permite, assim, o desvelamento do patrimônio comunitário e amplia as estratégias de empreendedorismo em bases locais, mediante a diversificação das atividades econômicas.

Por fim, apresentaram-se algumas interpretações teóricas sobre o cicloturismo e o seu papel nos projetos e iniciativas de transformação dos lugares, com vistas a ampliar os debates sobre as mobilidades turísticas contemporâneas e sobre a participação da comunidade nos benefícios ocasionados pelo turismo.

Referências

BAHL, Miguel. Planejamento turístico por meio da elaboração de roteiros. In: RUSCHMANN, Doris; SOLHA, K. T. (org.). **Planejamento turístico**. São Paulo: Manole, 2006. p. 298-316.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo**: roteiros do Brasil. Brasília, DF: Mtur, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/modulox20operacional_7_roteirizacao_turistica.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.

BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**: metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

BURGOS, A.; MERTENS, F. Os desafios do turismo no contexto da sustentabilidade: as contribuições do turismo de base comunitária. **PASOS**: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v. 13, n.1, 2015.

CARVALHO, Thiago Junior Lima; RAMOS, Jônatas Leite; SYDOW, Elisabeth. O cicloturismo como fator de desenvolvimento da atividade turística nas cidades de Araguaína e Nova Olinda (TO). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 4, p. 63-82, nov. 2013. Trabalho apresentado nos Anais do IX Congresso Nacional de Ecoturismo e do V Encontro Interdisciplinar de Turismo em Unidades de Conservação.

DUARTE, Júlio Corrêa de Resende Dias. **Cicloturistas e suas percepções ambientais**: um estudo na Estrada Real. Director Dr. Nelson Antônio Quadros Vieira Filho. (Tesina de graduação inédita). Centro Universitário UNA, 2008.

FARIA, José Pedro. **Passeio ciclístico pela zona rural do município de Jaguarão-RS**. Jaguarão, 2016.



FONSECA, D. H. DE Q. **Análise do segmento de cicloturismo no Caminho dos Anjos**. 2009. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JENSEN, A. Controlling mobility, performing borderwork: cycle mobility in Copenhagen and multiplication of boundaries. **Journal of Transportation Geography**, n. 30, p. 220-226, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2013.02.009>.

KAMINSKI, Rodrigo Kiatkoski. **Proposta de percurso para expedição de cicloturismo na região das cachoeiras em Prudentópolis-PR**. 2013. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Turismo)- Unicentro, Irati, 2013.

LAMONT, M. Independent bicycle tourism: a whole tourism system perspective. **Tourism Analysis**, v. 14, p. 605-620, 2009. Disponível em: http://epubs.scu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1146&context=tourism_pubs. Acesso em: 22 jan. 2020.

LIMA, Bárbara Lins. **Estrada geral do sertão: potenciais turísticos de um caminho quase esquecido**. 2015. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

MANEZE, Camila Aparecida Leves. **A transformação humana nas viagens: encontro de si e busca de ser**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional)-Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018.

MENDONÇA, Juliano. **Desafios, oportunidades e recomendações para o fomento ao cicloturismo nas costas do cacau e descobrimento - Sul da Bahia**. 2017. 102f. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Pesquisas Ecológicas, 2017.

OLIVEIRA, Valdecy Sousa de; ANUNCIAÇÃO, Vicentina Socorro. A arte do novo segmento turístico: Cicloturismo. **Revista Pantaneira**, Aquidauana, MS, v. 5, n. 1, p. 44-51, jan./jun. 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PEDRINI, Luana. **Cicloturismo no Circuito do Vale Europeu Catarinense: Um estudo do comportamento do cliente**. Santa Catarina: Balneário Camboriú, 2013 (Dissertação de Mestrado).

RITCHIE, B. Bicycle tourism in the South island. **Tourism Management**, New Zealand, v. 19, n. 6, p. 567-582, 1998.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo Contexto).



RODRIGUES, Adyr Balastreris. **Adyr Balastreri Rodrigues**. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/categoria/autores/a1/adyr-balastreri-rodrigues>. Acesso em: 3 dez. 2019.

RODRIGUES, Rodrigo Arnoud. **O potencial do cicloturismo como negócio no Rio Grande do Norte**. 2004. 56f. Monografia (Graduação em Turismo)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal, 2004.

RUFINO, Bianca; CRISPIM, Maria Cristina. Cicloturismo: uma alternativa de transporte turístico sustentável para a cidade de João Pessoa, Paraíba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE. Vol. 3: Congestas, 2015. **Anais do evento**. Disponível em: <http://eventos.ecogestaobrasil.net/congestas/>. Acesso em 22 de maio de 2020.

SALDANHA, Luiz Emerson da Cruz. **Políticas cicloinclusivas e cicloturismo: o caso do Rio de Janeiro, RJ**. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2017.

SAMPAIO, Tiago Saboia de Albuquerque. **Apropriações e práticas do espaço urbano: o pedalar como momento de protesto**. 2015.

SCHETINO, André Maia. **Cicloturismo como vivência crítica e criativa de lazer**. 2006. 56f. Monografia (Especialização em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SEGOVIA, Yenifer *et al.* O Cicloturismo como atividade sustentável: um estudo de caso da cidade de Curitiba-PR. In: ENCONTRO DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA, 6., 2016, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, 2016.

SILVA, Natália Candida Ribeiro. **Projeto Bem-Vindo Cicloturista**. 2008. Monografia (Graduação em Designer Gráfico)-Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SILVEIRA, Mariana Oliveira da. **Mobilidade sustentável: a bicicleta como um meio de transporte integrado**. Rio de Janeiro, 2010 (Dissertação de Mestrado).

SOARES, A. (org.). **Circuitos de cicloturismo: manual de incentivo e orientação para os municípios brasileiros**. 2010. Disponível em: <http://www.clubedecicloturismo.com.br/arquivos/Manual-Circuitos-Cicloturismo.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SOUZA, Francisca Helena Paixão de. **O ciclismo como incremento do turismo em Fortaleza: propostas de cicloturismo**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos)- Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.



VÁZQUEZ BARQUERO, Antonio. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001. 278 p.

WORLD WILDLIFE FUND - WWF-BRASIL. **O QUE É DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL?**, 2005. DISPONÍVEL EM: [<HTTP://WWW.WWF.ORG.BR/INFORMACOES/QUESTOES_AMBIENTAIS/DESENVOLVIMENTO_SUSTENTAVEL/>](http://www.wwf.org.br/informacoes/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/), ACESSO EM 20 DE ABR. 2020.

XAVIER, Herbe. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

ZOVKO, Ivan. **Cycle Tourism: Opportunities for the Scottish economy**. Transform Scotland. Edimburgo, 2013.